

Eneida¹

Victor Tamer²

Atendendo a um gentil convite do Dr. Haroldo Maranhão e ainda levado por um prazer espontâneo fui, semana passada, à livraria “D. Quixote” a fim de adquirir o último livro de Eneida, “Caminhos da Terra”, na tarde de autógrafos que ali se realizava, dessa consagrada escritora paraense.

Desde a minha adolescência não mais via Eneida. Sou um admirador anônimo de sua forte personalidade, de seu talento e sua projeção no cenário das letras nacionais, onde ela forma, ao lado de Rachel de Queiroz, duas expressões de real valor feminino nascidas fora do sul do país e que militam, vitoriosamente, na imprensa do Rio.

Durante todo esse enorme tempo sem oportunidade de tomar a vê-la, ocorriam-me, entretanto, à memória, certos lampejos de seu espírito, a quando, ainda, de sua vida permanente no Pará. Certa vez, colaborando no “Estado do Pará”, comentou, em sua apreciada crônica dominical, a alegria da cidade às proximidades da festa de Nazaré, justamente na época em que a Prefeitura manda pincelar de cal os trocos das mangueiras que se situam no trajeto do Cirió. E dizia: “até as nossas mangueiras já estão de camisa nova”.

De outra feita, em torno de festiva mesa de um importante casamento, que se realizava na distante cidade de Mocajuba, aonde fora integrando uma caravana ruidosa e distinta saída de Belém com o fim abrilhantar aquela cerimônia nupcial, foi ela solicitada por todos os presentes para saudar os recém-casados. Eneida olhou em volta, como que buscando inspiração para as suas palavras, silêncio e expectativa. Lá perto, no meio de tantas outras, havia uma garrafa de vinho, que ostentava a esquisita marca FFF. Habilmente aproveitou, então, aquelas iniciais, das quais tirou toda a essência de seu improviso, que terminou desta maneira: “Desejo a vocês o que estas letras parecem significar e que deve constituir, certamente, toda a aspiração de um novo casal: Fortuna, Felicidade, Fidelidade”.

A recordação mais afetiva que tenho de Eneida, não somente pelo fato de ter sido a última vez em que a vira, como ainda por ter acontecido em nossa própria residência, no interior, data dessa mesma época. Deu-se assim: os amigos do Dr. Deodoro de Mendonça

reuniram-se em nossa casa de Cametá e prestaram significativa homenagem, que constou de concorrido sarau dançante, àquele prestigioso tocantino, que acabara de chegar de Belém acompanhado de luzida comitiva, da qual participavam Eneida de Moraes, Paulo Eleutério, diversas figuras outras do mundanismo de nossa capital e mais o Dr. Ernestino Sousa Filho, que representava o diário “Correio do Pará”.

Compareceram a essa festa, segundo a expressão dos cronistas do tempo, “a fina flor da sociedade local e altas autoridades do município”. Lá pelas tantas, Eneida, eufórica ante constantes gentilezas de que era alvo, numa atitude muito sua, sentou-se à beira da mesa reservada aos doces à maneira antiga, cruzou as pernas e, audaciosamente, fumou um cigarro.

O feminismo, naquela altura, vinha de uma grande conquista, qual seja moda “à la garçonne”, que finalmente cortara “cabeleira multissecular da mulher. Mas o preconceito do fumo, desse, Eva ainda não se havia emancipado. Por isso é fácil imaginar a sensação que Eneida provocara com aquele gesto isolado. George Sand não teria melhor revolucionado uma época que Eneida aquela noite. Em derredor de si acorreram os entusiastas do progresso. E ela, do alto, soltando baforadas em espiral, descentralizou, efetivamente, do homenageado principal, todas as atenções de seus amigos.

Ao entregar, agora, o livro “Caminhos da Terra” para Eneida autografar, na “D. Quixote”, quedei-me em revê-la, mergulhado na minha saudade. Pude reparar-lhe, através de seu olhar, o espírito forte, que é todo o segredo de seu triunfo. Escrevendo o meu nome na página reservada à dedicatória, teria ela perguntado a si mesma: Quem será?

E eu, refletindo, comovido, sobre o título de seu novo livro, no momento justo em que, após tantos anos decorridos, o acaso me colocava outra vez em frente daquela Eneida, que nunca me conheceu, murmurei só para mim:

- Caminhos da Terra!

1. Publicado em jornal paraense no ano de 1960

2. Victor Tamer - jornalista e membro da Academia Paraense de Letras